



**ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA EM DESCONSTRUÇÃO: RENOVAÇÃO DO
IMAGINÁRIO DA ÁFRICA ATRAVÉS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM
ACORDO COM A LEI 10.639**

Savio Queiroz Lima¹

INTRODUÇÃO

Combater o ocultamento da história das sociedades africanas tem sido projeto educacional nos últimos anos. Com o advento da lei 10.639, onde é inserido nas grades curriculares o ensino sobre o continente africano e suas influências socioculturais, o desafio ao educador tornou-se iminente. Para isso, o educador deverá se valer de toda criatividade para suprir tão nova exigência com tão persistentes dificuldades.

Não se trata de um continente recém descoberto, mas, sim, de um lugar geográfico e social detratado por séculos por registros de viajantes e historiadores. Quando não esquecido, desprestigiado, tratado através de estereótipos que mascaram sua realidade, condensando em essencialismos demasiados a sua completude: povos rudimentares, natureza ameaçadora, moléstias perigosas. Enaltecido no período de tráfico de pessoas escravizadas para colônias americanas a partir do século XVI, tal discurso servia até mesmo de justificativa para a exploração: a comercialização dessa gente da África seria um resgate de sua capital condição, de acordo com Manuel Ribeiro da Rocha².

Hoje são produzidas abordagens críticas sobre essa África que fora por muitas décadas ignorada ou invisibilizada. Tais transformações dos conhecimentos se dão pelas adequações dos saberes às justiças sociais e foram, também, frutos dos movimentos de libertações das populações africanas do jugo neocolonial. Como suporte de diálogo útil, a basilar coleção História Geral da África, disponibilizada gratuitamente pela UNESCO em ambiente virtual e continuamente reimpressa, comungando com a lei brasileira 10.639, homologada em 2003 e ainda vigente.

Os desafios impostos ao educador exigem mudanças nos hábitos pedagógicos, já que não há, ainda, uma segura tradição de sua aplicabilidade. Entretanto, os cruzamentos

1 Mestrando em história pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo) sob orientação da professora doutora Mary Del Priore. Endereço eletrônico: savio_roz@yahoo.com.br

2 ROCHA, Manoel Ribeiro. **Etiópe resgatado**: empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado. Vozes, São Paulo, 2001.



entre as fontes e o diálogo entre a academia e a sala de aula são as óbvias práticas a serem seguidas. O tripé de segurança é feito pela bibliografia sobre África, a reflexão sobre o uso de quadrinhos em sala de aula no ensino de história da África e o uso crítico e racionalizado das histórias em quadrinhos úteis para tal proposta. Fazendo uso das histórias em quadrinhos como *Tintin na África* (sobre o Congo), *Aya de Yopougon* (sobre a Costa do Marfim), entre outras, seus imaginários e discursos são analisados e criticados com os trabalhos de Allen Isaacman, IsawaElaigwu, Frantz Fanon, KabengeleMunanga, entre outros pesquisadores e intelectuais que pensaram a representação do africano e dos seus descendentes na Indústria Cultural.

As histórias em quadrinhos são dinâmicos instrumentos de diálogos, muitas vezes menosprezados pelos pináculos do conhecimento. Primeiro, pela tradicional hierarquização que os empurra para os espaços da subliteratura, relegando um suporte à categoria de produto infantil e fugaz. Segundo, claramente, pela sua ignorância diante das estruturas de tal objeto-fonte para os campos do conhecimento, desprezando-o enquanto produção cultural humana e objeto reflexivo da sociedade que o produz e o consome.

METODOLOGIA

Durante muitas décadas foram, as histórias em quadrinhos, perpetuadores de imaginários nocivos sobre o continente africano. De Tarzan aos Vingadores, sempre que o cenário para a aventura heroica ou super-heroica foi a África e sua vasta geografia (muitas vezes reduzida por conta dos estereótipos), o mundo ocidental construiu ou propagou um imaginário sobre o continente. As histórias em quadrinhos descrevem uma imaginada África como um lugar “misterioso e mágico”, enquanto é responsabilidade da mídia, como jornais e telejornais, a imaginada África de “secas, fomes, epidemias, guerras e tiranos” (COSTA E SILVA, 2013, p.11).

Diante de tantas fontes de estereótipos, de informações incompletas ou tendenciosas, a opção passional é a da proibição e censura desses dizeres. Mas assim como são frutos de um imaginário já a tantos anos retroalimentado, podar alguns galhos não irão mudar o cenário representativo. A opção clara é a de desconstruir o imaginário que é perpetrado sobre o continente africano, e para isso nada melhor que o confronto de imagens e a crítica de tais imagens, para que a sua síntese possa ser mais sólida e palatável.

Como muitos saberes estereotipados são fortalecidos em sentidos comuns, as



histórias em quadrinhos podem e devem ser usadas como instrumentos de desconstrução. Através das suas imagens, localizadas geograficamente e culturalmente, e, por conseguinte, também temporais, a desconstrução é feita pela crítica esclarecida de suas origens e objetivos. Quando o belga Hergé produziu a série em quadrinhos *Tintin no Congo* (*Tintim no Congo*) em 1931 (e reimpressa em 1946 com alterações e em cores), o seu país exercia forte controle colonizador sobre a região do Congo que ficou conhecida como Congo Belga (a outra região foi possessão da França). Logo, os imaginários encontrados na obra corroboram para um imaginário compartilhados por seus compatriotas e dentro dos interesses neocoloniais. Muito do que existe em tal obra ainda persiste no imaginário do senso comum ocidental sobre as populações, a geografia, fauna e flora, estruturas políticas e conflitos da África.

Nessa abordagem, os usos das histórias em quadrinhos farão o suporte do diálogo sobre representação da África. Desvendando as raízes dos discursos, apresentando-os em uma diversidade de obras, tais obras em quadrinhos, produtos de seus lugares sociais e temporais, serão os pontos de partida ideais para o processo de desconstrução de tais imaginários e discursos, fazendo devidas interferências críticas sobre o que propaga. Além da possibilidade de se apresentar outras representações da África, como ocorre na obra *Aya de Yopougon*, da costa marfinense Marguerite Abouet, de 2005. Em tal obra, não há animais selvagens, tribos ou qualquer outro estereótipo comumente presente em representações exógenas das realidades africanas.

O exercício de revisitar imaginários em histórias em quadrinhos e, conjuntamente, de se fazer novas leituras em diversos suportes, propõe-se experiência pedagógica. Não apenas pela possibilidade de se utilizar um suporte narrativo mais atrativo, mas, também, por oferecer uma abordagem diferenciada da representação da África enquanto viabilidade de desconstrução da rede de estereótipos ainda tão perseverante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa objetivou, desde o início, sua função de ponte entre os saberes acadêmicos e a aplicabilidade em sala de aula. Partiu-se de uma percepção de desconhecimento de abordagens do ensino de história sobre as histórias em quadrinhos enquanto objeto-fonte de um passado. Por conta disso, a bagagem acadêmica e a vivência escolar justificam-se, são a intenção principal e o objetivo claro e final deste trabalho.



Seu método é o cruzamento com outras fontes, fundamentalmente aquelas que contradizem as informações estereotipadas contidas na produção cultural. Voltando à pretensão de diálogo entre a academia e a escola, promovendo tal intento de diálogo nesta abordagem clara e ofertada em diversos artigos que aqui corroboram. Não se faz, entretanto, nenhum engessamento ou esgotamento do tema ou das possibilidades de análise e crítica através do confronto. Sendo uma proposta, uma legítima sugestão de possibilidade de uso das histórias em quadrinhos para o ensino de história da África.

Apesar de tão clara urgência de abordagem nos campos do ensino sobre a história da África, as ações ainda estão sendo experimentadas. O frescor temático e a corrente proposta ainda não forneceram uma gama numerosa de *feedback*, mas comungou em publicações em periódicos científicos e em livro com acessibilidade, bem como algumas conferências envolvendo educadores. Nesta fala, sobre o uso das histórias em quadrinhos enquanto instrumentos de desconstruções de imaginários e discursos sobre a África (através de seus estereótipos), propõe-se reduzir as distâncias entre os conhecimentos africanistas pós-coloniais e a diligência em se conhecer o continente respeitosamente e as imagens ainda perenes no senso comum sobre tão vasto mundo.

As desconstruções dos imaginários e discursos sobre a África se vale de exigências sociais urgentes. Este trabalho segue a partir dos pontos de partidas já edificados em pesquisas como a de Kabengele Munanga (2005), que entende que o vislumbre de uma história mais coerente pode efetivamente ofertar ao aluno negro um alívio sobre suas origens africanas no Brasil, ou seja, entendendo melhor o passado de seus antepassados poderá conquistar a autoestima valorativa, combatendo, também, o racismo. Deste ponto, igualmente, o trabalho põe em prática a lei 10.639 para dentro das diversas etapas de ensino, do fundamental ao superior, fazendo uso de objetos históricos e fontes de conhecimentos que são as histórias em quadrinhos.

CONCLUSÕES

As tantas Áfricas que existem não são tão bem acessíveis quando se trata de conhecimento por diversos fatores. A emergência de sua prática, defendida em lei, ainda precisa adequa os educadores a tais saberes, um exercício que demanda esforço e tempo, muitas vezes além das possibilidades dos aventureiros professores. Por conta disso, todo empenho é mais que bem-vindo para que as dificuldades sejam cada vez mais



enfraquecidas e as amplas possibilidades sejam postas em prática.

Na busca de uma justiça para com o passado humano, todas as fontes são vitais para a renovação de um imaginário sobre a África. Não apenas isso, é preciso buscar os pontos de permanências de discursos para que possam, com total franqueza, serem desmitificados, destituídos de um poder enquanto saber e recolocados (talvez enterrados) nos túmulos dos preconceitos. As histórias em quadrinhos, que por muito tempo fizeram um desserviço na manutenção de tantos discursos perniciosos, podem ser instrumentos de restauração desse passado africano. Na crítica de sinais e saberes incompletos, forneceriam o julgamento crítico honesto que produz a desglamourização da ignorância, devolvendo dignidades, principalmente numa realidade tão maculada pelo racismo e por outras discriminações.

Como num soro antiofídico, os venenos discursivos nas histórias em quadrinhos serão a base de construção, através de abordagem crítica, para sua cura. As representações nocivas, as imagens distorcidas e estereotipadas, os discursos detratores, serão meios para a introdução de informações e dados coerentes com a realidade africana. São conquistas importantes para a sala de aula e que podem ser construídas em conjunto entre todos os que possam acrescentar suas bagagens intelectuais e suas experiências em sala de aula.

Longe de um ciclo fechado, este trabalho em sua apresentação oral prática tem por expectativa a aberta e franca discussão. Por conta disso, não se faz determinantes posturas sobre o seu uso, mas inicia-se uma dinâmica útil e divulga uma proposta clara de uso de histórias em quadrinhos (quicá isso possa ser aplicado em outros suportes, como cinema e telejornais) para desconstruir um imaginário estereotipado e generalista sobre o continente africano, seus povos, sua geografia e natureza, sua história.

Palavras-chave: História da África. Histórias em Quadrinhos. Educação.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

CORTESÃO, Luiza. **Educação num contexto de capitalismo desorganizado**. Fórum Ibérico de



Educação, 2005.

DAVIDSON, A. Basil; ISAACMAN, Allen F.; PÉLISSIER, René. Política e nacionalismo nas Áfricas central e meridional - 1919-1935. In: BOAHEN, Albert Adu. **História geral da África - VII: África sob dominação colonial - 1880-1935**. 2.ed. rev. UNESCO, Brasília, 2010.

DE CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1982.

ELAIGWU, J. Isawa; MAZRUI, Ali A. Construção da nação e evolução das estruturas políticas. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África - VIII: África desde 1935**. UNESCO, Brasília, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Editora Edufba, Salvador, 2008.

HERGÉ. **Tintim na África**. Rio de Janeiro, Record, 1970.

ISAACMAN, Allen; VANSINA, Jan. Iniciativas e resistência africanas na África central, 1880 -1914. In: BOAHEN, Albert Adu. **História geral da África - VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2.ed. rev. UNESCO, Brasília, 2010.

KI-ZERBO, Joseph (coord). **História Geral de África: I Metodologia e pré-história de África**. 2.ed. rev. UNESCO, Brasília, 2010.

LIMA, Savio Queiroz. A História Oculta das Mulheres de Bana-Mighdall: Um Estudo de África e Gênero. In: XXVIII Simpósio Nacional de História. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis, 2015a. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1424333597_ARQUIVO_MulheresMaravilhaBana.pdf. Acessado em 15 de outubro de 2016.

LIMA, Savio Queiroz. Aznia, Gorilla City e outras Representações da África nos Quadrinhos de Super-heróis. In: Terceiras Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, 2015b, São Paulo. **Anais eletrônicos das Terceiras Jornadas Internacionais de Quadrinhos: USP**, São Paulo, 2015a. 1 CD-ROM.

LIMA, Savio Queiroz. Garra de Pantera: Os Negros nos Quadrinhos de Super-herói dos EUA. In: **Revista Identidade!**, São Leopoldo, v.18 n. 1, p. 90-102, jan.-jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/identidade>.

LIMA, Savio Queiroz. Há outros 'Griots': Outros olhares sobre a África nos quadrinhos. **Revista Temporis[ação]**, v. 16, p. 150-164, 2016.

LIMA, Savio Queiroz. **História Cultural dos Quadrinhos: O Gênero Super-herói (ou o Povo Extraordinário: História, Cultura e Sociedade nos quadrinhos de Super-heróis)**. Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso em História pela Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2008. Acessado: 18 de março de 2017. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/monografia/historia-cultural-dos-quadrinhos-o-genero-super-heroi-2008/74>.



LIMA, Sávio Queiroz. Pesquisando História nos Quadrinhos: a Pesquisa de Quadrinhos na História e de História nos Quadrinhos. In: Iuri Andréas Reblin; Márcio dos Santos Rodrigues (Org.). **Arte Sequencial em Perspectiva Multidisciplinar**, v. 1, p. 5. 1ª edição. Leopoldina: ASPAS, 2015b.

MALERBA, Jurandir (org). **A História Escrita: Teoria e história da historiografia**. Editora Contexto, São Paulo, 2006.

MAZRUI, Ali A. "Procurai primeiramente o reino político..." In: MAZRUI, Ali A.(coord). **História Geral da África, VIII: África desde 1935**. UNESCO, Brasília, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília, 2005.

NIANE, DjibrilTamsir. Introdução. In: NIANE, DjibrilTamsir. **História Geral da África: África do século XII ao XVI**. 2.ed. rev. UNESCO, Brasília, 2010.

OBENGA, T. Fontes e técnicas específicas da história da África: Panorama Geral. In: KI-ZERBO, Joseph. **História Geral de África: I Metodologia e pré-história de África**. 2.ed. rev. UNESCO, Brasília, 2010.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, ano 25, n. 3, set./dez. 2003. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n3/a03v25n3.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2016.

PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução a história da África atlântica**. Elsevier, Rio de Janeiro, 2004.

ROCHA, Manoel Ribeiro. **Etiópe resgatado: empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado**. Vozes, São Paulo, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Ed. UNB, Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Some Theoretical approaches to intercultural comparative**. V.35, número 4, 1996.

UZOIGWE, Godfrey N. Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: BOAHEN, Albert Adu. **História geral da África - VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2.ed. rev. UNESCO, Brasília, 2010.